

PAGO PERDIDO
(Luis Lopes de Souza)

Duas décadas, no Povo...

“MALDITA ALMA ENCARNADA
NUM POBRE SER ILUDIDO,
ENTRE TANTAS TONELADAS
DE CIMENTO ENDURECIDO!”

Lembrava...

Lá longe, no alto,
no descambar rumo a serra,
a velha estância...
Logo depois do passo a porteira,
e lá mais adiante, imponente, tranquila,
entre mangueiras e galpões
a casa, alegre, de que o labor
de mãos amáveis, fizeram, jardim e pomar,
entre a rudeza e a pureza
de um tão longínquo lugar...

Pelas lombadas aclaradas de sol
e a orla dos capões, gados e potros.
Os açudes, o voo sereno de garças e socós.
O campo verde, os trevais e malmequeres.
As invernadas, a estrada das tropas...
Todo o pago, numa solidão feliz,
em extensões vastas
de incomparável matiz...

Era a sua querência...
Cada trecho daquela paisagem
tinha um pouco dele mesmo,
os aspectos que a outros pareciam
idêntico e monótonos, a ele vinham
associados a u passado de felicidade,
que, lhes dava relevo e saudade.
Era, o seu Pago...

... então resolveu voltar...

A menos de uma légua, naquele alto, parou,
para buscar na distância
a querência que deixou...
Demorou o olhar ao longe
na busca do seu rincão,
de bugra e nativa terra,
estendido em coxilhas, pinheirais,
restingas e pajonais
num campo em cima da serra.

Mas...

Ficou imóvel, calado.
Seu sonho de rever o Pago
tornou-se, uma morrente ilusão
na esmaecida paisagem
de amarga e triste visão.

... a terra avermelhada da granja
parecia o sangue crioulo da querência,
onde, potentes máquinas sulcavam o solo
como rasgando também a alma
dos campeiros que ali deixaram raízes
no mais profundo chão,
num tempo em que tudo era apenas
uma monotonia tranquila
de, campo e boi, potro e peão...

Restava, um reduto onde fora a estância,
e ruínas, simplesmente ruínas,
como, mortalhas miseráveis
perdidas na evolução,
restos mortais da querência
num epitáfio pagão...

O tempo, apagava a marca terrunha
de uma estância que, mesmo em ruínas,
guardava a alma de índios guapos
com estampas campesinas
de barbarescos rituais,
que, como fantasmas em um Pago Perdido
murmurava, nunca mais, nunca mais.

Tapera...
que é sempre lugar tristonho,
pela vaga emoção que comunicam
esses escombros solitários,
pela mágua e pela saudade
que traduzem de uma vida de alegrias e afetos...
Um pinheiro ainda existente, imóvel,
parecia cismar, deixando cair
de quando em vez, uma grimpa seca,
que era, como um pensamento vago,
no mais magoado lamento
da decadência do Pago...!

O sol, rompera da serração
como fazendo a tapera
despertar da solidão,
pareceu por um instante,
que beijou aquele chão
berço e campa, de sua gente...

... depois, de cabeça baixa,
pela imensa estrada erma
buscou o rumo do povo,
levava apenas, a dor antiga e profunda,
agora, ele também uma ruína,
na sua alma de Gaúcho triste
só existiam ruínas, dos sonhos,
das saudades, e das vidas perdidas...

Entendeu...!
que o tempo ninguém espera,
e que o destino dos homens
é cabrestar o progresso.
E que mais vale, uma saudade
e uma fugaz reminiscência,
do que um frustrado regresso...

**“MALDITA ALMA ENCARNADA
NUM POBRE SER ILUDIDO,
ENTRE TANTA TONELADAS
DE CIMENTO ENDURECIDO!”**